

# NOSSA COR, NOSSA IDENTIDADE<sup>1</sup>

Cristiane Barbosa da Silva<sup>2</sup>

Em nossa sociedade acompanhamos diariamente ações e reflexões ligadas à igualdade e respeito às diferenças, no entanto, é no ambiente escolar que temos a possibilidade de discutir sobre esses direitos e propor algumas ações que possam envolver as crianças em experiências que mobilizem outras possibilidades de entender a realidade sociocultural na qual se inserem. A escola tem como característica o desenvolvimento de projetos que tratam, principalmente, da pluralidade social. São as discussões, os enfrentamentos que propõem aos indivíduos um olhar mais humano e justo para si e para o outro.

Com o objetivo de possibilitar um conhecimento significativo aos meus alunos do primeiro ano, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Boa Vista, do município de Ijuí, desenvolvi o projeto “Nossa Cor, Nossa Identidade”, que visa a construção da identidade, por meio das significações socialmente construídas, entendendo a diversidade das formas culturais existentes no lugar onde vive e na sociedade, tendo em vista que essa identidade vai se constituindo ao longo da vida, mediante as experiências compartilhadas entre os sujeitos. Refiro-me à construção pessoal de cada indivíduo, nesse contexto sem qualquer distinção ou preconceitos.

O desenvolvimento do tema da diversidade, no projeto, não teve somente o objetivo de apresentar aos alunos a riqueza da diversidade étnico-cultural brasileira, mas também, para que as crianças se apropriassem de valores como o respeito a si próprias e ao outro, elevando a autoestima de cada um em suas diferenças étnico-raciais. Como argumenta Paulo Freire (2013), ensinar exige reconhecimento e assunção da identidade cultural.

No entanto, o projeto corresponde à necessidade educativa de formar valores e posturas para que os educandos valorizem seu pertencimento étnico-racial, fortalecendo a dignidade e a promoção da igualdade real de direitos negando o preconceito, promovendo assim a cultura anti-racista. As atividades pedagógicas do referido projeto permitiram-me trabalhar em uma perspectiva interdisciplinar, fazendo do educando sujeito de sua própria aprendizagem. O espaço escolar vai além do conhecimento científico, como alega Mary Garcia Castro, pesquisadora da UNESCO:

Há que se estimular os professores [e professoras] para estarem alertas, para o exercício de uma educação por cidadanias e diversidade em cada contato, na sala de aula ou fora dela, em uma brigada vigilante anti-racista, anti- sexista, [antihomofóbica] e de respeito aos direitos das crianças e jovens, tanto em

---

<sup>1</sup> Relato de Experiência na Educação Básica.

<sup>2</sup> Professora Alfabetizadora da rede pública estadual, graduada em História pela UNIJUI- Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

ser, como em vir a ser; não permitindo a reprodução de piadas que estigmatizam, tratamento pejorativo [...] (CASTRO, 2005, p. 11).

Tendo em vista que os alunos estão inseridos no processo de alfabetização, as atividades de leitura e escrita foram acompanhadas para que os mesmos se sentissem desafiados e, de forma autônoma, pudessem avançar em suas questões e hipóteses. Este projeto veio integrar-se em ações propostas pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, cujo objetivo é por um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e dos municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até aos oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental. No eixo Identidade e Diversidade, faz a seguinte observação:

Considerando a percepção das diferenças e semelhanças no processo de construção das identidades, a área das Ciências Humanas trabalha na perspectiva do reconhecimento e respeito ao “outro”, contribuindo para a redução das desigualdades econômicas, políticas, sociais, culturais, etnicorraciais e de gênero (BRASIL, 2012, p. 11).

No que diz respeito aos “Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento da Área de Ciências Humanas”, o mesmo documento orienta para: Conhecer e respeitar o modo de vida (crenças, alimentação, vestuário, fala e etc.) de grupos diversos, nos diferentes tempos e espaços, e estabelece que

No Ciclo de Alfabetização deverão ser trabalhadas as diversidades, na perspectiva de como as crianças se identificam e se diferenciam em relação ao outro para depois compararem seu modo de viver como criança com o de outras crianças em diferentes tempos e espaços (BRASIL, 2012, p. 11).

Para dar início ao projeto iniciamos um diálogo com os educandos a respeito dos personagens infantis que conhecem que sejam negros. No momento seguinte, assistiram ao filme “A Princesa e o Sapo”, primeira princesa negra que a Disney criou. Dentro das observações das características da princesa Tiana, uma princesa negra, as crianças observaram suas características em frente ao espelho.

Cada aluno observou o formato do rosto, tipo de cabelo, cor da pele, dentre outras características. Após observação, foi entregue para cada aluno a silhueta de um corpo, sendo que deveriam preencher com suas características e também vesti-lo. Um dos momentos de descobertas foi que tiveram que usar diferentes tipos de cores para representá-los no desenho e o famoso lápis cor de pele ficou sem função.

Tendo em vista que a maior dificuldade dos alunos era aceitar as diferenças fenotípicas e que o lúdico deve compor o processo de alfabetização apresentei uma literatura para que pudessem explicar essas diferenças e heranças étnico-raciais. O livro escolhido foi “Bruna e a galinha d’angola”, sendo que sua leitura proporcionou o resgate do costume de contar histórias pelos antepassados, trabalhando as memórias como

forma de buscar o pertencimento, bem como o reconhecimento da cultura africana na formação étnico-racial de nosso país.

Além de estudar o conhecimento sobre aves, elemento simbólico que aparece na história como parte das representações de um artefato da cultura africana (os panôs e ou bogolans), realizamos também uma produção artística com a modelagem em argila da galinha d'angola, discutindo sobre o material argila na confecção de utensílios utilizados pelas diferentes culturas como herança dos povos indígenas e africanos. Na referida história, a menina Bruna aprendeu a fazer com seu tio as galinhas com argila para brincar. Ainda, em todo o processo houve o enriquecimento do vocabulário com novas palavras e construção de frases. Como desafio às crianças e as suas famílias propus a confecção de um boneco e ou uma boneca de pano com traços e características de negritude. Essa atividade trouxe aos alunos um novo olhar para si e para seus pares. Ampliou a compreensão e a valorização da diversidade étnica e cultural de nossa sociedade de maneira sensível e, ao mesmo tempo, promovendo o processo de alfabetização e letramento.

Nós educadores temos em nossas mãos um grande instrumento que é o ato de educar. É por meio dele que temos a possibilidade de construir uma nação livre do preconceito e de discriminação. E para isso, nossa tarefa deve considerar o início da escolarização; é na infância e no processo de alfabetização que educamos cidadãos livres de preconceito, por meio das interações, da leitura do mundo e da palavra, compartilhando significados e apontando transformações.

Paulo Freire (2013 p. 12) defende que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, ou seja, antes de lermos palavras, textos, lemos o mundo que está ao nosso redor. Nesse sentido, o papel do educador é fundamental no processo de alfabetização. É ele que deve fazer a leitura dos saberes que o educando traz consigo, respeitando e potencializando seus saberes e vivências.

O educador deve ter consciência do seu papel social, para que o processo de alfabetização seja crítico e emancipatório para que o educando se torne um sujeito, reflexivo e comprometido na transformação da sociedade a qual está inserido. Portanto, o cidadão pode ter o conhecimento de mundo e, mesmo que ainda não domine a escrita, pode comunicar-se e expressar-se por meio do diálogo sobre o mundo vivido e compartilhado com o outro.

Ao refletir acerca do objetivo do projeto, percebeu-se sua importância na formação de leitores com visão de mundo e não somente codificadores e decodificadores de textos. O processo de alfabetização é contínuo e deve ser prazeroso e desafiador. A sequência didática desenvolvida, nesse primeiro ano do ciclo de alfabetização, proporcionou aos alunos reconhecerem-se enquanto protagonistas do processo de ensino aprendizagem,

buscando iniciar pela leitura do mundo e da escrita a possibilidade de inserção no contexto sociocultural na qual pertencem. Também de valorizar e reconhecer a diversidade cultural de nosso país, regatando suas origens e respeitando as diferenças de forma humanizadora, pela construção de uma sociedade com igualdade e solidariedade.

Cabe aqui apontar um dos ensinamentos de Mandela (1994) de que ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, nem por sua origem ou ainda por sua religião. Enfatiza que para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

**Palavras-chaves:** Identidade; Alfabetização e letramento.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, M.G.. Gênero e Raça: desafios à escola. In: SANTANA, M.O. (Org) **Lei 10.639/03 – educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação fundamental**. Pasta de Texto da Professora e do Professor. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 47ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/2012-09-19-19-09-11>>. Acesso em 22 de setembro de 2017.